
CARICATURA COMO PONTE: APONTAMENTOS DE PESQUISA SOBRE AS RELAÇÕES IDENTITÁRIAS ENTRE BRASIL E PORTUGAL NA OBRA DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

CARICATURE AS BRIDGE: RESEARCH NOTES ON IDENTITY RELATIONS BETWEEN BRAZIL AND PORTUGAL IN THE WORK OF RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Rômulo de Jesus Farias Brito
Doutorando em História – PUC-RS
romulojfbrito@hotmail.com

RESUMO: Nesta comunicação, serão apresentadas algumas das problemáticas e pressupostos teóricos que envolvem o estudo sobre as relações identitárias entre Brasil e Portugal na obra caricatural do intelectual português Raphael Bordallo Pinheiro (1846-1905). Atualmente desenvolvida em nível de doutorado no PPGH-PUC-RS, esta pesquisa se insere em um crescente quadro de trabalhos acadêmicos que abordam o processo de (re)construção das identidades nacionais em ambos os lados do Atlântico a partir de uma perspectiva relacional, dando ênfase ao movimento português durante a segunda metade do século XIX. Como pontos centrais ou auxiliares em seu desenvolvimento, a temática exige a reflexão sobre distintos objetos como as relações intelectuais luso-brasileiras, a produção e usos da caricatura como ferramenta de reflexão sócio-política, o desenvolvimento da imprensa ilustrada brasileira na segunda metade do século XIX, dentre outras questões. Tal amplitude de tópicos envolvidos demanda, por sua vez, um profícuo diálogo entre várias subáreas da prática historiográfica que, concomitantemente, trazem uma grande riqueza à análise proposta e algumas dificuldades na operação de tais relações. Pretende-se, portanto, apresentar questionamentos e impasses envolvendo o andamento da pesquisa, assim como possíveis caminhos para sua solução. Desta forma, intenta-se levantar questionamentos que contribuam na elaboração de outros trabalhos, possibilitando um debate entre variados temas e escopos teóricos.

PALAVRAS CHAVE: Relações luso-brasileiras. História de Portugal. Caricatura.

ABSTRACT: In this communication, it will be presented some of the issues and theoretical assumptions that involve the study of identity relations between Brazil and Portugal in the caricatural work of the portuguese intellectual Raphael Bordallo Pinheiro (1846-1905). Currently developed at the doctoral level in PPGH-PUC-RS, this research is part of a growing cadre of academic papers that discuss the process of (re) construction of national identities on both sides of the Atlantic from a relational perspective, giving emphasis on portuguese movement during the second half of the nineteenth century. As central or ancillary points in their development, the theme requires the consideration of different objects such as Luso-Brazilian intellectual relations, production and uses of caricature as a tool of socio-political reflection, the development of brazilian illustrated press in the second half of the century XIX, among other issues. This breadth of topics involved demand, in turn, a fruitful dialogue between various subfields of historiographical practice that concomitantly bring the proposal analysis and some difficulties in the operation of such relationships great wealth. It is intended, therefore, submit questions and dilemmas involving the progress of the research as well as possible ways of their solution. Thus,

an attempt is made-up questions that contribute to the development of other works, allowing a debate between various themes and theoretical scopes.

KEYWORDS: Luso-Brazilian Relations. History of Portugal. Caricature.

Introdução

O longo e exaustivo processo de pesquisa e escrita que envolve o ofício do historiador é, notadamente, um caminho solitário. Dessa forma, eventos que congreguem profissionais das diferentes subáreas e vertentes desta área de conhecimento tem seu valor não apenas por permitir a publicação de resultados finais ou parciais de um trabalho, mas também por possibilitar um espaço onde inquietações e contratemplos podem ser compartilhados e, a partir do debate instaurado, sanados.

Por se tratar de um encontro de pesquisas históricas, destinado a promover a integração e apresentar pesquisas realizadas por discentes de vários programas de pós-graduação em história do país e gerar uma maior integração com os alunos dos cursos de graduação, o presente trabalho não exporá os resultados da pesquisa em andamento, mas apresentará os principais pressupostos que a envolvem, assim como várias reflexões paralelas que decorrem de seu desenvolvimento.

A pesquisa que passa agora a ser apresentada, atualmente desenvolvida em nível de doutorado no PPGH da PUC-RS, se refere à análise da obra caricatural do caricaturista português Raphael Bordallo Pinheiro (1846-1905) acerca da sociedade brasileira e portuguesa na segunda metade do século XIX. A partir da problemática da construção das identidades nacionais, pretende-se estudar, em uma perspectiva relacional, como este intelectual representou o Brasil e Portugal em suas caricaturas e quais as mútuas influências existentes entre suas concepções acerca de um país na construção identitária do outro.

Raphael Bordallo Pinheiro foi o mais conhecido caricaturista português dos Oitocentos, tendo criado e ilustrado diversos periódicos portugueses e brasileiros, além de ter colaborado com publicações em outros países e atuado em outras áreas como o teatro e a

escultura cerâmica. O intelectual é conhecido como precursor da banda desenhada¹ em Portugal e foi o criador do “Zé Povinho”, famoso personagem-tipo que sintetizava sua concepção sobre o povo português frente à situação de “decadência” em que o país se encontraria frente a outras nações europeias ao final do século XIX.

Tal diagnóstico era um dos pontos, juntamente com a forte atuação na imprensa, que ligava Bordallo Pinheiro à chamada “geração de 70” portuguesa, grupo de intelectuais que realizou diversos questionamentos às estruturas sociais, políticas e culturais de Portugal na segunda metade do século XIX e ficou conhecido a partir de eventos como a “Questão Coimbrã” e as “Conferências do Cassino”. Diferentemente de nomes como Antero de Quental ou Eça de Queiroz, no entanto, Bordallo utilizava a caricatura, e não a palavra escrita, como instrumento para análise da sociedade do país.

Entre 1875 e 1879, o intelectual residiu no Brasil, onde atuou nos periódicos *O Mosquito*, e posteriormente criou *O Psit!!* e *O Besouro*. Nas páginas destes jornais, a realidade política e social brasileira, assim como seus atores, era analisada sob a ótica do português. Esta abordagem, no entanto, não se restringia esses quatro anos, precedendo a estadia de Bordallo no país e prosseguindo após sua volta nos vários periódicos e obras que produziu em Portugal. O Imperador D. Pedro II e sua família, a “questão religiosa”, a imigração, a cena artística brasileira e a política externa foram temáticas sucessivamente abordadas pelo intelectual em suas caricaturas.

Da mesma forma, a sua estadia em solo brasileiro não o dissuadiu de suas crônicas sobre Portugal. Nos periódicos brasileiros, Bordallo fez frequente uso do personagem Zé Povinho e se referia constantemente à aspectos da sociedade portuguesa, como as ações do rei D. Luís I e do ministro Fontes Pereira de Melo, a produção literária e a questão colonial. Para isto, contava com a colaboração de intelectuais em seu país de origem, tais como Guilherme de Azevedo e Ramalho Ortigão.

Neste sentido, a pesquisa buscará compreender como as concepções de Bordallo acerca do Brasil e de Portugal se influenciaram reciprocamente na sua interpretação sobre as

¹A expressão, derivada do francês *bande dessinée*, é utilizada em Portugal para se referir às histórias em quadrinhos.

duas nações, presente em sua obra caricatural, e identificar os elementos que compunham as identidades brasileira e portuguesa em sua concepção.

Olhares sobre Bordallo e a geração de 70

Mesmo que o trabalho em desenvolvimento pretenda lançar um olhar particular e original sobre determinado objeto, este não parte de um “marco zero”. Todo processo investigatório é incitado por afirmações e reflexões realizadas em trabalhos anteriores ou tomando algumas sugestões teórico-metodológicas de outros autores como fundamento para a constituição de sua própria metodologia. Neste sentido, o estudo proposto surgiu de inquietações geradas a partir de algumas obras que analisam a vida e publicações de Raphael Bordallo Pinheiro, assim como a construção das identidades nacionais na modernidade e a “Geração de 70” portuguesa.

Apesar de ser o mais conhecido caricaturista português do século XIX e da extensão de sua obra tanto em Portugal quanto no Brasil, são poucos, em termos quantitativos, os trabalhos que se propuseram a analisar algum aspecto da obra de Bordallo Pinheiro.

Dentre os principais estudos que analisam a obra do caricaturista sob uma perspectiva historiográfica, estão os produzidos por José Augusto-França. O historiador realizou vários estudos sobre o intelectual português, como a abrangente análise presente em *Rafael Bordallo Pinheiro: o Português tal e qual*. Neste trabalho, o autor examina toda a produção de Bordallo em um recorte cronológico que vai de sua iniciação na caricatura a sua morte em 1905. Situando a obra do intelectual no quadro de narrativas portuguesas das últimas décadas do século XIX e destacando-o em meio às outras manifestações artísticas da época, o autor afirma:

Rafael Bordallo arisca-se, assim, a servir de elemento revelador duma categoria mental (e de civilização) correspondente a uma situação histórica vivida no decurso do último quartel de oitocentos, entre vícios antigos, dum passado não extinto, e impossibilidades ou incompetências dum presente que a todo o momento parecia desfalecer – ou entrar nesta espécie de extinção jamais consumada que caracteriza o arrastado jogo do passado e do presente, nas vivências portuguesas. (...) O gosto, o estilo, a linguagem, digamos o código imagético de Rafael Bordaloremmentem-nos assim para uma demonstração que não é consentida pelo conjunto de outras criações

plásticas do seu tempo, e que a literatura deixa aperceber mal (...).
(FRANÇA, 1982, 580)

A afirmação do autor forneceu os primeiros indícios de que as narrativas do cotidiano português e brasileiro nas caricaturas de Bordallo possuíam um sentido profundo e que se situava em uma forma específica de compreender a realidade de um país e de interpretar sua história. É também demarcada a diferença entre a obra de Bordallo e de seus contemporâneos a partir da linguagem utilizada. Enquanto a maioria destes optaria pela via literária, o intelectual enveredou pela representação visual das caricaturas.

Sobre a atuação de Bordallo Pinheiro no Brasil, José Augusto França considera que seu convívio no Rio de Janeiro e a representação do cotidiano sociopolítico brasileiro nos periódicos onde atuou foram de grande importância para a formação do caricaturista. Durante os quatro anos em terras brasileiras, as experiências vividas pelo intelectual teriam sido a base para a construção de ideias que levaria e aplicaria nos demais periódicos por ele criados em Portugal:

Nela se completou uma fase da obra do caricaturista, em postura muitas vezes ingrata, de emigrante português mais dotado que outros. A sua visão da sociedade e da política brasileiras foi, no entanto, sempre simpatizante e facilmente inserida na atualidade, ativando nisso a sua observação. Nas páginas d' "O Besouro" afinou-se o seu talento de desenhador e nelas ficaram registradas algumas ideias que viria a aproveitar-se ou a repetir em seus jornais lisboetas (...). (FRANÇA, 1982, 154)

O autor aponta para a influência das experiências de Bordallo no Brasil para sua atuação em Portugal, tanto em relação à técnica quanto às críticas que foram realizadas após seu retorno. No entanto, apesar de estabelecida uma relação entre sua produção em ambos os países, José-Augusto França não aprofunda estas conexões, tomando a passagem do caricaturista pelo Brasil apenas como uma importante etapa para sua trajetória profissional, mas sem problematizá-la.

Em artigo publicado na Revista *Convergência Lusíada*, Luiza Martinez realizou uma análise sobre a passagem de Bordallo Pinheiro no Brasil, falando de suas relações com outros intelectuais brasileiros, sua atuação em *O Mosquito*, *O Psit!!* E *O Besouro* e suas discussões

com algumas personalidades políticas. Sobre o objeto da crítica do intelectual e sua função, a autora afirma:

Bordallo Pinheiro chega a afirmar, em entrevista ao Jornal do Comércio do Rio de Janeiro, que ‘não há manifestação artística sem finalidade moral’. Satirizando a corrupção dos políticos, a empáfia e a vaidade de uma certa classe da sociedade, a ingenuidade algo apalermada do povo, a alienação dos hábitos e costumes, a generalização leviana de determinados conceitos, Bordallo Pinheiro exercia, de fato, a arte como um poderoso veículo risonhamente moralizador. (MARTINEZ, 1987, 35)

São indicados pela autora alguns dos pontos que eram objeto dos questionamentos de Bordallo em seus periódicos no Brasil. A política, a suposta atavias da população como um todo frente aos problemas brasileiros e o comportamento de determinados segmentos da sociedade seriam alguns dos temas abordados nas publicações do caricaturistas produzidas em solo brasileiro.

Na bibliografia referida, também são constantes as menções da relação de Bordallo Pinheiro com outros intelectuais da chamada “geração de 70” portuguesa. Ramalho Ortigão e Guilherme de Azevedo, por exemplo, foram alguns dos intelectuais que colaboraram com o caricaturista em seus periódicos. Da mesma forma, muitas das críticas realizadas por Bordallo estão em sintonia com este grupo de intelectuais que passou a ganhar destaque com seus questionamentos à sociedade portuguesa na transição das décadas de 1860 e 1870. É preciso, portanto, dimensionar em que consistiria a crítica destes indivíduos, uma vez que esta pode ser desvinculada da obra do caricaturista.

A “geração de 70” portuguesa teria sua produção relacionada à problemática da modernidade em trabalhos como o de Isabel Margato. Segundo a autora, a produção e o olhar dos intelectuais desse período seriam marcados pela crítica ao atraso das estruturas sócio-políticas de Portugal, que impediriam o país de adentrar no processo modernizador que atravessava a Europa naquele momento.

Para os homens da Geração de 70 portuguesa, a modernidade não pode ser apenas a partir de sua dicotomia: “ausência e vazio de valores” e “desconcertante abundância de possibilidades”. Para eles, um outro dado assume maior relevo: a impossibilidade de pertencer plenamente a essa nova realidade emergente, hegemônica e, ao mesmo tempo, excludente. (...) Esse sentimento de não pertencimento determinará o ritmo de um programa cultural proposto pelos homens dessa geração (...). A ação crítica e

pedagógica dos homens dessa geração vai desencadear um movimento obsessivo de interpelação à sociedade portuguesa, marcado, fundamentalmente, por uma atitude de “acusação regeneradora.” (MARGATO, 2008, 11)

Inserida na problemática da “modernidade”, a percepção que os intelectuais da “geração de 70” possuíam sobre seu país seria a de uma nação que não conseguira acompanhar o desenvolvimento de outros países europeus. Tal concepção conduziria toda a ação destes indivíduos, que visariam a superação do estado em que se encontraria Portugal e sua inserção no “movimento moderno” experimentado por outros países.

Este olhar crítico frente ao “atraso” de seus respectivos países seria, segundo Marçal Paredes, um ponto de convergência entre as análises de intelectuais portugueses e brasileiros que integraram as “gerações de 70” nos dois lados do Atlântico. Utilizando a metáfora do trem, um dos símbolos do desenvolvimento tecnológico no século XIX, o autor enuncia:

Pensemos então, na alegoria do passageiro frustrado. Na estação, brasileiros e portugueses ficaram. E assim permaneceram, desejosos por terem sido, um dia, passageiros do trem da história, tripulantes do vagão dirigido pela racionalidade ocidental moderna. Conforme rezavam as convicções do sec. XIX, havia muito a ser feito para que brasileiros e portugueses pudessem olhar para si próprios e enxergarem-se como pertencentes ao grupo dos povos civilizados, portadores do ‘espírito moderno’. (PAREDES, 2004, 302)

Neste segmento é estabelecida a relação entre as interpretações sobre o Brasil e Portugal. Ambos os países teriam ficado para trás no movimento que se pensava conduzir todas as nações ocidentais rumo a um progresso técnico, econômico e cultural. Tal perspectiva relacional entre as identidades brasileira e portuguesa foi aprofundada na tese de doutorado do autor, onde buscou estabelecer as demarcações culturais existentes entre os dois países na transição do século XIX para o XX. A partir das publicações realizadas por intelectuais de ambos os lados do Atlântico, Marçal Paredes procurou inserir as interpretações sobre as nações em uma escala “lusu-brasileira” de observação. É afirmado que:

Bem assim, foi possível verificar que aquele investimento demarcatório realizado à escala transatlântica (e transnacional) é parte integrante, mesmo indispensável, da própria definição de cada uma das escalas nacionais de referência; como se o reconhecimento das culturas nacionais envolvidas

fosse inabarcável à margem da clarificação do relacionamento entre Portugal e Brasil. (PAREDES, 2007, .372)

Esta perspectiva relacional no estabelecimento das identidades nacionais nos casos português e brasileiro vem sendo esboçada em outros trabalhos. Um exemplo destas investidas é o conhecido livro de Beatriz Berrini (BERRINI, 2003), no qual a autora percebe uma relação entre a “geração de 70” portuguesa e uma possível congênere no Brasil a partir de uma análise de suas correspondências, e o recente trabalho de Giselle Venâncio (VENÂNCIO, 2012), estabelecendo as relações editoriais entre os intelectuais de ambos os países neste período. Entretanto, estes e outros trabalhos ainda representam uma pequena parcela das produções que de alguma forma analisam a problemática das identidades nacionais no Brasil e em Portugal sob um escopo relacional.

Em grande parte, o aumento de trabalhos que desenvolvam tal perspectiva foi incitado pelos trabalhos de estudiosos comumente designados sob a alcunha de “pós-colonialistas”, que buscaram o estudo das identidades coletivas a partir dos limites culturais e diferentes escalas existentes em suas construções. Dentre estes, destaca-se o trabalho de Homi K. Bhabha, que desenvolveu em sua obra *O local da cultura* (BHABHA, 1998) uma abordagem que analisa as estratégias narrativas construídas para embasar a ideia de nação ou para se opor a ela, colocando a nacionalidade como uma forma de afiliação social e textual. Dessa forma, busca a superação do que seria uma tradicional concepção “historicista,” que pressupunha uma equivalência linear entre evento/ideia e apresentasse a nação como uma entidade cultural holística, ainda comum dentro das produções historiográficas.

As indicações metodológicas e os indícios acerca da produção de Bordallo presentes nestes trabalhos, assim como as lacunas existentes nas análises sobre a relação entre a obra do intelectual produzida no Brasil e em Portugal, incitaram as principais problemáticas que conduzem a presente pesquisa. No cruzamento das perspectivas e temáticas apontadas, resta estabelecer o real dimensionamento das relações entre as duas margens do Atlântico na obra de Raphael Bordallo Pinheiro.

Problemáticas e hipóteses de pesquisa

Nos estudos realizados sobre a obra de Bordallo Pinheiro, é constantemente afirmado que as experiências vividas pelo intelectual no Brasil foram de grande importância para o desenvolvimento de seu olhar crítico sobre a sociedade e as estruturas de poder portuguesas. Suas representações sobre o Brasil, entretanto, precedem sua estadia no Rio de Janeiro e se seguem após seu retorno a Portugal, sendo realizadas concomitantemente e nos mesmos periódicos dedicados à reflexão sobre a sociedade portuguesa. O olhar sobre Portugal, portanto, também influenciaria diretamente sobre sua percepção acerca do Brasil, o que torna possível questionar: quais as mútuas influências existentes entre as interpretações do intelectual sobre os dois países?

A bibliografia acerca do tema também coloca em discussão a ligação de Bordallo Pinheiro com alguns intelectuais da “geração de 70” portuguesa, o que permite pensá-lo como um caricaturista inserido no ideário de seu tempo e espaço. No entanto, na medida em que se relaciona com seu contexto, ocorre um cruzamento entre as ideias circulantes e suas experiências pessoais, tornando-o produtor de conhecimentos novos. Tomando-o como limite para as reflexões sobre as ideias e a enunciação, entre o coletivo e o individual, se averigua: até que ponto as representações de Bordallo se alinham com as de outros intelectuais da “geração de 70” e de que forma seu olhar se constituiu em um escopo particular de observação?

Partindo da premissa de que as obras do intelectual estão no centro de reflexão sobre a nacionalidade portuguesa e brasileira no final do século XIX, o que perpassa diretamente a construção identitária do “outro”, a presente pesquisa busca responder: quais os elementos que compunham a identidade portuguesa e brasileira na obra de Bordallo Pinheiro e que relações existiriam entre estes dois países na concepção do intelectual?

Uma avaliação comparada das caricaturas presentes nos periódicos produzidos por Bordallo no Brasil e em Portugal aponta para uma mesma cosmovisão acerca de diversas esferas da sociedade, que perpassa as interpretações do intelectual sobre os dois países. Logo, os mesmos elementos que Bordallo indicaria como responsáveis pela situação portuguesa seriam colocados como causadores dos problemas brasileiros. Da mesma forma, as soluções apontadas para a resolução de tais problemas em ambos os países se aproximam. Em sua obra, por exemplo, subjaz a defesa dos ideais republicanos como possível caminho para as

duas nações, que culmina com a utilização da proclamação da república no Brasil como exemplo a ser seguido pelos portugueses.

Por outro lado, há vários indícios de que Portugal e Brasil apresentavam, na obra de Bordallo, laços profundos em diversas áreas. Estas relações se dariam desde suas monarquias constitucionais, encabeçadas por membros da mesma casa dinástica, passando pela produção literária e chegando até a história brasileira e portuguesa, unidas por um passado comum que estaria diretamente relacionado aos problemas de ambos os países. Desta forma, se estabelece a ideia de que somente é possível pensar as interpretações sobre as identidades nacionais, especialmente em países com laços tão próximos como Brasil e Portugal, em uma perspectiva relacional, considerando as divergências e convergências entre ambos. Neste sentido, as representações caricaturais presentes na obra de Bordallo Pinheiro parecem estar no centro das reflexões acerca das identidades nacionais na segunda metade do século XIX, apresentando uma perspectiva única, mas que dialoga com várias leituras contemporâneas sobre a mesma problemática.

A análise proposta para as representações de Bordallo sobre o Brasil e Portugal possibilita uma reflexão acerca da construção das identidades nacionais portuguesa e brasileira em uma perspectiva relacional, compreendendo os pontos de convergência e divergência entre as interpretações sobre os dois países na concepção do intelectual e dos indivíduos com quem dialoga. Neste sentido, permitiria uma compreensão das problematizações sobre a questão nacional na segunda metade do século XIX que parta tanto de elementos internos quanto das relações externas.

Ao estabelecer a conexão da obra de Bordallo com a de outros intelectuais, especialmente os indivíduos ligados à “geração de 70” portuguesa, a pesquisa possibilita a compreensão de um conjunto de ideias comuns, de uma “linguagem” que perpassaria as concepções destes indivíduos na interpretação sobre as identidades nacionais. A análise desta “cosmovisão” envolveria reflexões em diversas esferas da sociedade portuguesa e brasileira, indo da política e economia à produção científica e artística.

As publicações de Bordallo também oferecem um olhar particular sobre o cotidiano brasileiro e português, especificamente das cidades do Rio de Janeiro e Lisboa, de onde acompanhou de perto as tramas políticas e os problemas sociais, sendo espectador de alguns dos principais eventos em ambos os países ao final do século XIX. Noticiada nos periódicos

escritos em ambos os lados do Atlântico, tal realidade é narrada por Bordallo através de suas caricaturas, linguagem que confere visualidade ao objeto representado e, portanto, traz outras complexas questões em torno de sua produção que apresentam diferentes possibilidades na interpretação do processo de construção das identidades nacionais portuguesa e brasileira.

As abordagens realizadas até o momento sobre a obra de Bordallo, concernentes tanto à sociedade brasileira quanto a portuguesa, envolvem apenas aspectos e eventos específicos representados em suas caricaturas, ou são abordadas como parte integrante de uma visão geral sobre sua obra e de narrações biográficas. Este quadro carece de uma análise que compreenda as representações de Bordallo sobre ambos os países e, principalmente, sobre suas relações em sua profundidade e complexidade.

Notas sobre caricaturas e imprensa ilustrada

Sustentar a hipótese levantada para a presente pesquisa, no entanto, exige diversas reflexões que envolvem especialmente a especificidade das fontes analisadas. Adocumentação fundamental para o desenvolvimento do trabalho constitui-se em periódicos, álbuns ou séries de caricatura publicadas no Brasil e em Portugal, que por sua vez enquadram-se na chamada imprensa ilustrada do século XIX.

Logo, pensar a obra de Raphael Bordallo Pinheiro a partir das problemáticas colocadas tem como etapa fundamental a compreensão do papel da imprensa ilustrada ao final do século XIX em Portugal e Brasil e do processo de produção da composição caricatural, passando pela técnica, da relação entre texto e imagem e da sobreposição de temporalidades e linguagens na construção da caricatura. Sumariamente, esses questionamentos orbitam sobre a peculiaridade da imagem e, especificamente, da caricatura como instrumento de comunicação e crítica social.

A linguagem caricatural apresenta diversas especificidades em relação a outras linguagens utilizadas por muitos dos contemporâneos de Bordallo da “geração de 70”, o que torna sua obra uma expressão particular. Em sua análise sobre a origem da comicidade, Henri Bergson lançou bases para o entendimento da representação caricatural, ressaltando que “é cômico todo incidente que chame nossa atenção para o físico, estando em causa o moral” (BERGSON, 1983, 27). As caricaturas geram atração, identificação e hilaridade na medida

em que conferem visualidade a um aspecto material da realidade, como uma característica física do caricaturado, mas almejando o questionamento de um comportamento ou da moral. Neste sentido, a caricatura foi utilizada amplamente enquanto ferramenta de crítica sociopolítica, produzindo o riso ao criticar, e gerando uma reflexão ao fazer rir.

Pensando em sua função no questionamento da esfera política, Amadeu Carvalho Homem afirma que a estratégia da caricatura consiste em dessacralizar as figuras de poder, ou seja, “rebaixar, retirar aos mandantes a aura de dignidade que os envolve” (HOMEM, 2007, 745). A caricatura aproxima o indivíduo representado de seu observador, conseguindo, dessa forma, tornar personalidades da vida pública como D. Pedro II em objetos de riso. Para tanto, se vale de várias estratégias, como atribuir ao caricaturado comportamentos e vícios que não se espera encontrar em um governante, ou mesmo desumanizando-o, ao representá-lo enquanto um animal ou objeto inanimado. Pretende-se compreender quais estratégias são utilizadas por Bordallo para atingir e dessacralizar as principais figuras do cenário político brasileiro e português.

As caricaturas passaram a circular e se difundiram enquanto ferramenta de crítica social a partir da ascensão dos periódicos ilustrados que, no Brasil e em Portugal, ganharam grande profusão a partir da segunda metade do século XIX. Em grande parte, tal propagação se deve à aplicação da técnica litográfica empregada na produção das ilustrações em ambos os países. A litografia, método de impressão desenvolvido no final do século XVIII, propiciava uma grande semelhança entre o desenho original e sua impressão². Seu uso requeria equipamentos de baixo custo e não necessitava de uma grande equipe em sua produção, o que permitia a um único indivíduo habilidoso assumir, de forma centralizada, a confecção das ilustrações (CARDOSO, 2009, 19). Desta forma, pode ser uma chave para a compreensão da preponderância de produtos autorais e da associação dos periódicos criados aos indivíduos responsáveis por suas ilustrações.

É necessário, além deste aspecto, entender as linguagens que constituem os sentidos das caricaturas na imprensa ilustrada do séc. XIX, especialmente a articulação entre imagens e textos. A relação entre os desenhos e as letras não se dava apenas entre as páginas destinadas

²Em uma breve explanação, a técnica, desenvolvida por Alois Senefelder, consistiria em desenhos sobre uma matriz de pedra calcária (que pode ser reutilizada várias vezes) feitos com o uso de lápis gorduroso. O papel é colocado sobre a pedra e prensado com uma máquina manual, recebendo o desenho de forma espelhada. A litografia permite a impressão de várias cópias de uma mesma matriz.

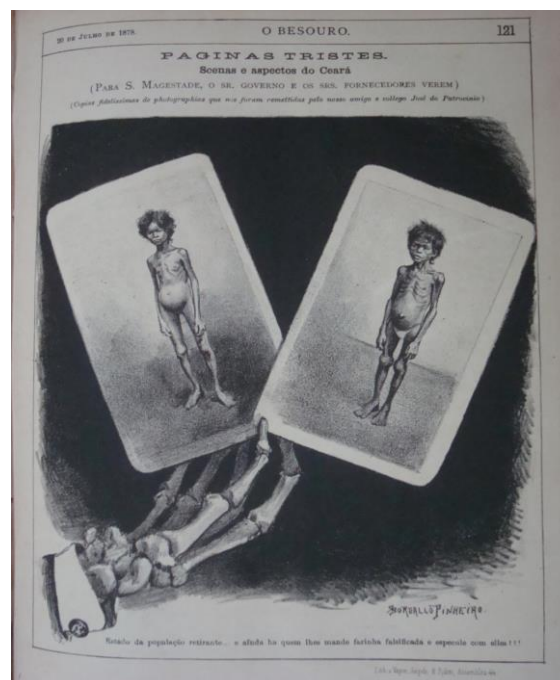
à caricatura e as páginas voltadas aos artigos de redatores e colaboradores, mas na própria composição caricatural. Para compreender a coexistência e dinâmica entre imagem e texto, se observa a caricatura publicada em 1878 no periódico *O Besouro* (**Figura 1**).

A imagem é considerada por Joaquim Marçal Ferreira de Andrade como a primeira fotorreportagem brasileira, por representar o primeiro uso da fotografia como instrumento de denúncia na imprensa ilustrada:

(...) ao se valer do já mencionado estatuto de verdade que estava implícito naquelas imagens, utilizando-as para comprovar, supostamente de forma incontestável, um fato grave que o poder constituído se rejeitava a reconhecer (...). Naquelas imagens, está sintetizada toda uma história, mais que secular, da exploração sofrida de um vasto grupo social (ANDRADE, 2004, p.196).

Publicada no periódico *O Besouro*, a imagem é uma cópia litográfica de duas fotografias em formato *carte-de-visite*, retiradas por J.A Correa e enviadas por José do Patrocínio, então colaborador da publicação, durante uma cobertura da seca que afetava a província do Ceará. As fotografias mostram duas crianças vítimas da fome, imagens que tem seu impacto ampliado na representação caricatural.

Figura 1 – Páginas Tristes: cenas e aspectos do Ceará



Na imagem, uma mão esquelética e trajada com paletó segura a reprodução das duas fotografias, representando a indiferença dos políticos frente à situação da região. A figura é acompanhada acima por uma frase indicando os principais destinatários da mensagem - o imperador, os políticos e os comerciantes – e abaixo pela denúncia: “Estado da população retirante – e ainda há quem lhes mande farinha falsificada e especule com eles!”.

A caricatura também adquire o “estatuto de verdade” ao empregar a esfera de objetividade atribuída à fotografia naquele período. A técnica mecânica empregada no processo fotográfico intermediaria a relação entre homem e objeto e supostamente afastaria qualquer subjetividade da representação imagética, noção que conferiria às fotografias litografadas por Bordallo um caráter de prova incontestável da situação no Nordeste. Logo, a situação da população e o descaso do poder público ganham, com a sobreposição de caricatura, fotografia e texto na mesma composição, uma profusão em seu sentido que não atingiria com o uso individual destas linguagens.

Apesar de contar com suas especificidades, desenho e texto são indissociáveis na constituição do sentido das caricaturas almejado por seus criadores. Um complementa e mesmo condiciona a observação do outro nas narrativas empregadas na imprensa ilustrada, exigindo também certo domínio das letras para a compreensão da composição caricatural em sua complexidade.

Considerações Finais

Os pontos acima elencados, do levantamento bibliográfico às reflexões inerentes ao uso das fontes, são, assim como em toda pesquisa, passíveis de mudanças e sujeitas a contínuas reformulações. O próprio texto que se encerra sofreu alterações durante sua escrita e suscitou algumas indagações e mudanças de postura sobre o presente trabalho. Como inicialmente afirmado, tratou-se aqui de expor um caminho de pesquisa, colocando seus objetivos e compartilhando alguns de seus problemas intrínsecos e possíveis meios de solução.

De forma ampla, esta pesquisa instiga problematizações em diversos e articulados níveis. Questiona quais as concepções específicas de um intelectual acerca de dois países com profundas relações em sua história, manifestadas, por sua vez, a partir de uma linguagem específica na imprensa do período: a caricatura. Em outro, pensa como se dava a reflexão sobre a sociedade portuguesa e brasileira em articulação à uma dada interpretação sobre as nações e temporalidade a partir de um grupo de intelectuais, conhecido como geração de 70. Em uma esfera superior, lança um olhar sobre o processo de (re)construção das identidades nacionais ao final do século XIX sob uma perspectiva relacional, com ênfase para Portugal e Brasil após a emancipação política deste último, expondo uma contínua circulação de ideias e trocas culturais existentes entre ambos os países.

A análise pretendida sobre a obra de Raphael Bordallo Pinheiro corresponde, portanto, apenas a um pequeno fragmento de um contínuo processo de demarcação cultural e identitária que se deu em ambos os lados do Atlântico, cuja riqueza e complexidade se constituem um profícuo campo para pesquisas futuras. A pluralidade de temas e problemáticas que se entrelaçam em seu desenvolvimento faz com que a apresentação desta pesquisa seja, em suma, uma reflexão sobre a prática historiográfica em várias áreas distintas deste campo em movimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. **História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. 2º Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

BERRINI, Beatriz. **Brasil e Portugal: a geração de 70**. Porto: Campo das Letras, 2003.

BHABHA, Homi. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CARDOSO, Rafael. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas no Segundo Reinado IN: KNAUSS, Paulo; MALTA, Mariz; OLIVEIRA, Cláudia de & VELLOSO, Mônica Pimenta. **Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no segundo reinado**. Rio de Janeiro: Mauá, 2011.

FRANÇA, José Augusto. **Rafael Bordalo Pinheiro: O português tal e qual**. 2º Ed. Lisboa: Livraria Bertrand, 1982.

HOMEM, Amadeu Carvalho. **Riso e poder: uma abordagem teórica da caricatura política**. IN: Revista de História das Ideias. Vol.28. 2007. pp. 739-763.

MARGATO, Isabel. **Tirantias da modernidade**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008

MARTINEZ, Luisa. **Raphael Bordallo Pinheiro no Brasil**. Revista Convergência Lusíada. N°8 . Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, 1987. pp.33-37.

PAREDES, Marçal de Menezes. **Fronteiras culturais luso-brasileiras: demarcações da história e escalas identitárias (1870-1910)**. Tese de doutorado. Instituto de História e Teoria das Idéias. Universidade de Coimbra, 2007.

_____. Identidades, disciplinas e outras misturas: metáforas luso-brasileiras e as fronteiras disciplinares. IN:GAUER, Ruth M. Chittó (org.). **A qualidade do tempo: para além das aparências históricas**. Rio de Janeiro: Ed. Lumen Juris, 2004.

VENÂNCIO, Giselle Martins. **Pontes sobre o Atlântico: ensaios sobre relações editoriais e intelectuais luso-brasileiras (1870-1930)**.Niterói: Vicio de Leitura/FAPERJ, 2012.